

**PNUM
2013**

PORTUGUESE
NETWORK OF
URBAN
MORPHOLOGY

Actas do PNUM 2013

Forma Urbana nos Territórios de Influência Portuguesa

Análise, Desenho, Quantificação

Proceedings of PNUM 2013

Urban Form in Territories of Portuguese Heritage

Analysis, Design, Quantification

Editado por
Edited by

Nuno Norte Pinto and Alexandre Almeida

Copyright © 2013 by
Department of Civil Engineering of the University of Coimbra
All rights reserved.
ISBN 978-989-98435-1-6

Editors: Nuno Norte Pinto and Alexandre Almeida

The present volume contains the short papers and abstracts reviewed and presented at PNUM 2013, the 2013 Annual Conference of Portuguese Network of Urban Morphology, held in Coimbra on June 27 and 28, 2013.

Cite as:

In N. N. Pinto, A. Almeida (Eds), Book of Abstracts of PNUM 2013, the 2013 Annual Conference of Portuguese Network of Urban Morphology, Coimbra, June 27 and 28, 2013, Coimbra: Department of Civil Engineering of the University of Coimbra

PNUM 2013 had the institutional support of:

Com o alto patrocínio de Sua Excelência O Presidente da República
ISUF International Seminar on Urban Form
CPLP Comunidade de Países de Língua Portuguesa
UC Universidade de Coimbra
APGeo Associação Portuguesa de Geógrafos
APG Associação de Professores de Geografia
AUP Associação dos Urbanistas Portugueses
Câmara Municipal de Coimbra
CIPAL Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa
Escola Superior de Gallaecia
Direcção Geral do Património Cultural

Coimbra, Portugal

Campo Alegre: Evolução e persistência de um desígnio

Silvia Cristina Teixeira RAMOS

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto Via Panorâmica S/N, 4150-755 Porto,
Portugal
+351 22 605 71 00, silviactramos@gmail.com

Palavras-chave: Porto; Desenho; Parcelamento rural; Morfologia urbana

Artigo

O presente artigo integra-se no trabalho de investigação que se traz em desenvolvimento no âmbito do Programa de Doutoramento em Arquitectura, da Universidade do Porto.

A investigação tem como tema central o Campo Alegre, na cidade do Porto. O sítio existe à cota alta relativamente ao Douro, adjacente à sua margem: ocupa o topo do flanco escarpado pronunciado que ladeia o rio num dos pontos em que as suas margens mais se aproximam.

Caracteriza a paisagem do Campo Alegre: o rochedo, na sua vertente Sul-Poente; o maciço arbóreo luxuriante que reveste a sua superfície; um conjunto de edifícios de arquitectura excepcional que a pontuam; e a ponte da Arrábida – segunda travessia viária do Douro a ser construída na cidade; hoje, integrada numa das mais importantes auto-estradas da rede viária nacional (aquela que, pela linha da costa, liga o Norte e o Sul do país, atravessando as suas principais cidades).

Nesta situação, o Campo Alegre é um miradouro excepcional sobre o rio e a sua foz, um sítio dotado de fáceis ligações regionais e a primeira imagem da cidade para quem a atravessa pela ponte da Arrábida.

Reconhecendo a circunstância singular do Campo Alegre, a nível paisagístico e urbanístico, a investigação interessa-se pela sua forma urbana. Com o processo de construção do Campo Alegre já sumariamente esboçado, conhecidos muitos dos projectos e planos que o construíram e com vários estudados de um modo aprofundado, a investigação propõe a releitura da forma urbana do sítio na actualidade.

Defende que só a noção de profundidade, dada pela sobreposição dos diferentes estratos que ao longo do tempo constroem o Campo Alegre, possibilita ler na sua actualidade mais do que os vestígios difusos de ocupações anteriores.

É, então, objectivo da investigação, desenhar o perfil da espessura do Campo Alegre: construir um conjunto de desenhos representativos dos diferentes estratos da sedimentação da sua forma.

Este perfil começa a traçar-se com a representação do sítio na actualidade e vai ganhando comprimento à medida que se vai regredindo no tempo. É um perfil de extensão superior a duzentos anos, ao longo dos quais o Campo Alegre atravessa diferentes estados de urbanização no sentido da sua progressiva consolidação na cidade.

Constitui corpo documental para a construção deste perfil, documentação contemporânea publicada e documentação arquivística de natureza variada e relativa a um arco temporal dilatado: representações cadastrais do sítio; cartografia; iconografia (fotografias aéreas e gravuras); esquemas, projectos e planos, para o espaço público e edificado e, complementarmente ou em combinação, registos administrativos e fiscais, nomeadamente, inventários de bens com demarcações e confrontações, registos de empraçamento e documentos relativos a termos e escrituras.

Redesenhando-se cada um destes documentos, sobre a situação actual do Campo Alegre, a investigação anula as diferenças gráficas, métricas e formais que entre eles se verificam e torna possível a sua comparação. Projectando cada um sobre aquele que lhe é imediatamente anterior ou posterior, identifica situações de estranheza ou de correspondência, suprime adições e recupera subtracções.

A arqueologia do sítio assim construída aponta como estratos do perfil do Campo Alegre, nomeadamente, os seguintes estados: “vila rural” (Günther, 1994-96: 128); local de eleição por várias famílias estrangeiras, de comerciantes e industriais, para um viver “romântico”; espaço de “ilhas”, oficinas e fábricas; subúrbio residencial burguês, por iniciativa privada; local de bairros operários, de iniciativa pública; ponto terminal da nova ponte da Arrábida; tramo de uma importante infraestrutura viária, a nível nacional; lugar do pólo III da Universidade.

No presente artigo, a hipótese que se experimenta é a de existir transversal a este perfil – ao longo de mais de dois séculos, de diferentes estados de urbanização e de um conjunto extenso e diverso de projectos e planos urbanos – um *desígnio* de organização espacial.

Um desenho controlado

A primeira representação topográfica que se reconhece da cidade do Porto e que oferece um retrato minucioso do Campo Alegre data de 1892.

Tomando como referência esta carta, estratificando os diferentes níveis de informação que contém, e projectando sobre ela, por um lado, os vários projectos urbanos desenvolvidos para áreas específicas do Campo Alegre em datas sucessivamente anteriores, e, por outro, as representações do sítio, abstractas e de finalidade militar, que oferece o conjunto de plantas e mapas datados de 1832/33, a investigação aprofunda-a cirurgicamente. Em áreas específicas do Campo Alegre, subtrai os factos urbanos “novos” e adiciona a realidade a eles preexistente, atendendo para além das questões formais às questões toponímicas. Obtém, deste modo, uma nova representação do sítio, onde retrata o que será uma das “idades últimas” de cada um dos seus espaços.

Na interpretação da planta assim construída ganham realce os aspectos que a seguir se descrevem.

O Campo Alegre é representado, a certa distância da cidade, limitado a Sul e Norte por acidentes topográficos – o declive que verte para o Douro e aquele que dá nome ao sítio de Agramonte, respectivamente – e, entre eles, estruturado por um segmento de desenvolvimento Nascente-Poente – nomeado “Estrada de Matosinhos” ou, especificamente no tramo em causa, “Rua do Campo Alegre”.

A rua do Campo Alegre existe compreendida entre os lugares de Vilar e de Lordelo. Em cada um destes lugares, cruza-a um caminho, de direcção tendencialmente Norte-Sul, que articula os sítios de Massarelos e do Ouro, na margem do rio, com o território à cota alta.

Entre os lugares de Vilar e de Lordelo, sensivelmente a cada terço, de Nascente para Poente e com direcção Norte-Sul, cruzam a rua do Campo Alegre o caminho que conduz ao templo de Nossa Senhora da Boa Viagem, a meia encosta, e a linha extensa e contínua que conformam vários limites de propriedade.

Por sua vez, os tramos da rua do Campo Alegre, compreendidos entre tal conjunto de limites de propriedade alinhados e o caminho que liga a Nossa Senhora da Boa Viagem e entre este e aquele que passa no lugar de Vilar, são subdivididos em quatro parcelas. Separam-nas, acontecimentos de direcção Norte-Sul com correspondência de ambos os lados da rua.

No tramo definido entre o caminho que liga a Nossa Senhora da Boa Viagem e aquele que passa no lugar de Vilar, entre cada par de parcelas, assinala-se o momento em que o segmento do Campo Alegre muda de direcção e se precipita a alteração da cota estável que caracterizava o seu desenvolvimento no tramo imediatamente anterior.

Por fim, os cruzamentos da rua do Campo Alegre com os caminhos identificados são referenciados com o topónimo “padrão” – de Nascente

para Poente, identificam-se: o “Padrão de Vilar”; o “Padrão quebrado”; e o “Padrão de Lordelo” –, e, o ponto médio entre os dois primeiros “padrões”, com o topónimo “portela”.

Sugere o que se descreve a possibilidade de imaginar o espaço do Campo Alegre, a Nascente daquele alinhamento de limites de propriedade e a Poente do caminho que passa no lugar de Vilar, organizado por um desenho com uma geometria subjacente – talvez, uma matriz que se funda na rua e nos vestígios de um tempo muito recuado que a pontuam.

Evolução de um desenho racional

Tomando como referência o parcelamento do Campo Alegre que se realça sobre a planta atrás descrita e projectando sobre ela um conjunto significativo dos projectos e planos urbanos desenvolvidos para o sítio em datas progressivamente posteriores, a investigação verifica, por um lado, a atenção que cada projecto ou plano lhe atribui e as diferentes estratégias da sua interpretação e, por outro, a capacidade de resiliência de tal estrutura perante as diferentes propostas que vão projectando a consolidação da forma do Campo Alegre.

a) Comece por se considerar a sobreposição ao parcelamento rural do Campo Alegre do conjunto de projectos urbanos com datas entre 1835 e 1869 e verifique-se a sua coincidência.

Tais propostas são de origem municipal e têm como objectivo o melhoramento das comunicações entre lugares significativos do sítio e a sua envolvente. Destinam-se a “regular o alinhamento” de caminhos preexistentes – nomeadamente, da rua do Campo Alegre ou do caminho para Nossa Senhora da Boa Viagem – ou ao “traçado para novo caminho” que, com excepção de momentos muito particulares, se desenha sobre os limites de propriedade preexistentes – é o caso das comunicações que se traçam, decalcando antigas veredas, para o serviço público e particular da paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem ou do caminho traçado sobre o alinhamento extenso e contínuo de limites de propriedade, a Sul da rua do Campo Alegre.

Com um espírito equivalente, a divisão do solo agrícola segundo a representação que consta da planta topográfica de 1892, toma como referência o parcelamento preexistente. Ao que parece, independentemente do seu destino ser o cultivo ou de se designarem a construções urbanas, seja de palacetes envolvidos por jardins românticos ou a casas de habitação arruada, o parcelamento do sítio persiste: considera-se a ocupação integral do interior de cada uma das parcelas preexistentes ou a sua subdivisão em

múltiplos – cada parcela contém no seu interior outra, duas ou mais vezes “exactamente”.

b) Em seguida, observe-se a sobreposição ao parcelamento rural do Campo Alegre do conjunto de projectos urbanos com datas entre 1884 e 1937. Neste momento, a par dos projectos de iniciativa municipal que se continuam a ocupar do “alargamento e alinhamento” da rua do Campo Alegre, grupos de proprietários locais propõem ao município a abertura de um conjunto de novos arruamentos, com base em cedências e permutas de terrenos. Visam a aplicação das parcelas até então agrícolas à edificação urbana.

A estrutura de quarteirões que estes projectos preconizam reproduz o parcelamento preexistente. Neste decalcar, situações de hiato verificam-se pontualmente. Correspondem a momentos em que se dilui tal estrutura, remetendo-a a alinhamento cadastral – como acontece em pontos do alinhamento extenso e contínuo de limites de propriedade –, ou em que se fundem antigas parcelas agrícolas e se potencia um novo princípio de subdivisão do solo pela condição em que sobre elas se rompe um novo arruamento – vêm estas parcelas servir a construção da Colónia Operária Viterbo de Campos e do Bairro Sidónio Pais.

c) Por último, atenda-se ao conjunto de planos desenvolvidos para o Campo Alegre entre as décadas de 30 e de 60 do século XX. Estes planos partilham a circunstância do arranjo urbanístico do Campo Alegre associado à construção da ponte da Arrábida. Acompanham, por um lado, as exigências crescentes da intensificação do tráfego viário de ligação do Porto ou, no limite, do Norte ao Sul do país e, por outro, os diferentes significados que vão sendo atribuídos ao Campo Alegre enquanto extremo de uma das travessias do Douro que possibilita tal ligação. Associados a tão importante infraestrutura, pensa-se que estes são planos de promoção estatal/municipal e que se fundam na premissa da expropriação integral da área envolvente à ponte da Arrábida para o seu enquadramento.

Quando ao parcelamento rural do Campo Alegre se sobrepõem o plano de 1939/40, da autoria de Giovanni Muzio, e o de 1949, de que é autor Fernando Távora, verifica-se que, independentemente da sua área de abrangência – a totalidade do sítio ou a sua metade, a Sul da rua do Campo Alegre –, do programa a que respondem – a construção de um novo centro urbano ou de uma nova área residencial – e do modelo teórico por que optam – “classicistas e monumentais italianos” (Rosa, 2005: 230) ou “lecorbusiano” (O Campo Alegre da Universidade, 1995: 15) –, o grau de coincidência de cada um destes planos com tal estrutura depende dos acontecimentos existentes que decidem manter ou enfatizar. Nunca estes planos parecem

interpretar o parcelamento preexistente no sentido da sua actualização conforme a circunstância que lhes é contemporânea.

Nem o plano de urbanização de 1939/40 é concretizado, nem o de 1949. Sucede-lhes, em 1955, o plano contemporâneo da construção da ponte da Arrábida, da autoria de Januário Godinho.

Quando ao parcelamento rural do Campo Alegre se sobrepõe este plano, pressente-se ser de espírito equivalente aos anteriores: a sua prioridade não parece ter sido a de atender à estrutura preexistente.

Deste plano são concretizados a ponte, as suas ligações à rua do Campo Alegre e os acessos à auto-estrada. Sob tal infraestrutura viária, o parcelamento preexistente desvanece a Sul da rua do Campo Alegre.

Posteriormente, com possível enquadramento no plano de urbanização de 1955, são construídos arruamentos e edifícios que aparentam ora não considerar, ora atender à estrutura que organizou o espaço do Campo Alegre até então.

Na área afectada à construção da ponte, são traçados um conjunto novo de arruamentos de escala local e, entre os espaços que conformam, são edificadas os novos equipamentos do pólo da Universidade.

A Norte da rua do Campo Alegre, com base na estrutura preexistente, é construída uma frente de topos de “torre” sobre rés-do-chão idealmente contínuo – concepção primeira, julga-se, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa.

Persistência de uma racionalidade

Vindo a forma do Campo Alegre a sedimentar-se ao longo dos diferentes momentos atrás referenciados, no presente, pressente-se que o sítio se organiza de um modo diferenciado de cada um dos lados da rua do Campo Alegre. A Norte, estrutura-se partindo do parcelamento antigo, independentemente do tempo das formas que o constroem; a Sul, compõe-se conforme com a circunstância da infraestrutura viária, não urbana, em que se integra a ponte da Arrábida.

Recuperem-se as ideias apontadas de que, por mais de cem anos, o Campo Alegre se vai urbanizando em continuidade com o parcelamento rural preexistente e que, com a construção da nova infraestrutura viária, esta estrutura parece perder solidez.

Acrescente-se que os acontecimentos construídos insensíveis ao parcelamento antigo, hoje, mais de meio século após a sua construção, se pressentem continuar sem encontrar lugar no Campo Alegre – o sítio, como sempre, deformou-se para os absorver, mas persiste sem recuperar a

inteligibilidade que até então, como diferentes relatos dão nota, o terá caracterizado (O Campo Alegre da Universidade, 1995: 44-47).

E, consequentemente, constate-se que o parcelamento que se imagina ter organizado a “vila rural” (Günther, 1994-96: 128) parece permanecer na actualidade do sítio contra o desvanecimento provocado por intervenções que não o souberam compreender.

Transformando-se, diluindo-se ou desvanecendo, mas, aparentemente, nunca se apagando, a investigação aponta para que a estrutura de parcelamento rural que imagina ter organizado o Campo Alegre, num tempo muito recuado, se possa vir a afirmar como *desígnio* da organização espacial do sítio, no seu “tempo longo”.

Agradecimentos

A dissertação de doutoramento em curso é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/85547/2012).

Referências

- [1] Ramos, Luís A. de Oliveira (1994), História do Porto, Porto Editora, Porto
- [2] Günther, Anni, Tavares, Rui (1994-1996), Oporto. In Atlas histórico da ciudades europeas: Península Ibérica, Salvat, Barcelona
- [3] Séren, Maria do Carmo (2001), Monografia: Lordelo do Ouro, Junta de Freguesia de Lordelo do Ouro, Porto
- [4] Couto, Júlio (1993), Monografia de Massarelos, Junta de Freguesia de Massarelos, Porto
- [5] Azevedo, Carlos A. Moreira (2008), Paróquia do Santíssimo Sacramento: História e Vida Pastoral, Paróquia do Santíssimo Sacramento, Porto
- [6] Campo Alegre da Universidade (1995). Boletim, V (26-27), pp.3-38
- [7] Cardoso, António Barros. Baco & Hermes (2003). O Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756). Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto, Porto
- [8] Nonell, Anni Günther (2002), Porto, 1763/1852: a construção da cidade entre despotismo e liberalismo, FAUP publicações, Porto
- [9] Mota, Nelson. A arquitectura do quotidiano: público e privado no espaço doméstico da Burguesia portuense, EDARQ, Coimbra
- [10] Teixeira, Manuel C. (1992), As estratégias de habitação em Portugal, 1880-1940. *Análise Social*, XXVIII (115), pp.65-89

- [11] Lobo, Margarida Souza (1995), Planos de Urbanização. A Época de Duarte Pacheco, Faup Publicações/DGOTDU, Porto
- [12] Rosa, Edite Maria Figueiredo e (2005), ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva, [Dissertação de doutoramento apresentada à ETSAB], Barcelona
- [13] Fonseca, Teresa (1996). A construção do Pólo 3 da Universidade do Porto: Planos, Projectos e Edifícios. [Dissertação de doutoramento apresentada à FAUP], 1996
- [14] Merlin, Pierre (ed.) (1985), Morphologie urbaine et parcellaire, PUV, Saint-Dennis
- [15] Trindade, Luísa (2009), Urbanismo na composição de Portugal, [Dissertação de doutoramento apresentada à FLUC], Coimbra

PNUM
2013

PORTUGUESE
NETWORK OF
URBAN
MORPHOLOGY

Organizado por
Organised by

PORTUGUESE
NETWORK OF
URBAN
MORPHOLOGY



FCUC FACULDADE DE CIÊNCIAS
E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
DEPARTAMENTO DE
ENGENHARIA CIVIL

Citta
FEUP FACULDADE DE ENGENHARIA
UNIVERSIDADE DO PORTO



Com o Apoio de
With the Support of

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELENCIA



O Presidente da República

ISUF
International Seminar
on Urban Form



CPLP
Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



CI
AL
P

CONSELHO
INTERNACIONAL
DOS
ARQUITECTOS
DE LÍNGUA
PORTUGUESA



CÂMARA
MUNICIPAL
DE
COIMBRA



Associação
Portuguesa
de Geógrafos



dgpc



CENTENÁRIO
NACIONAL
DE SERRA
DE CASTRO



ASSOCIAÇÃO
URBANISTAS
PORTUGUESES

escola superior



gallaecia

2008 978-383-38315-1-0



9 789899 843516 >